

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

HILDA KAROLINI MAZIERO

**PERCURSO DE UMA ARTISTA-PROFESSORA: ESPAÇOS E COSTURAS ENTRE
O ATELIÊ E A SALA DE AULA**

**CRICIÚMA
2024**

HILDA KAROLINI MAZIERO

**PERCURSO DE UMA ARTISTA-PROFESSORA: ESPAÇOS E COSTURAS ENTRE
O ATELIÊ E A SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva.

**CRICIÚMA
2024**

HILDA KAROLINI MAZIERO

**PERCURSO DE UMA ARTISTA-PROFESSORA: ESPAÇOS E COSTURAS ENTRE
O ATELIÊ E A SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 27 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestrado em Educação (UNESC - 2009)
Orientadora

Prof^ª Daniele Cristina Zacarão Pereira - Mestrado em Artes Visuais (UDESC - 2018)

Prof^º Cláudio Moreira Pereira Jr. - Especialização em Arte Educação (UNIAN/SP -
2023)

Dedico àqueles que estão buscando um
pertencimento no não pertencimento.

AGRADECIMENTOS

Por vezes me vejo como uma colcha de retalhos, ao perceber que muitas partes de quem sou foram costuradas em comunhão com aquelas pessoas que me atravessaram no caminho, o que reconheço que são muitas, mas busco mencionar algumas em especial por sua relevância nessa parte do percurso. Agradeço à minha orientadora professora Silemar, mestra com que tive a honra de compartilhar esse importante ponto do caminho. Sua generosidade em partilhar seu olhar, suas experiências e seu vasto repertório, assim como a sua disposição em aventurar-se com o meu pensar, tornou a elaboração desse Trabalho de Conclusão de Curso um desafio enriquecedor costurado com afeto. Agradeço a Camila de Jesus Souza e a Eliane Casagrande, por terem me incentivado desde o início da atuação como artista, abrindo espaço para materializar ideias na biblioteca do Sesc Araranguá.

À querida professora Odete Angelina Calderan (in memoriam) e a minha amiga Juliana Drewke Oliveira - Judh (in memoriam), mulheres artistas-professoras-pesquisadoras com quem costurava muitas paixões e desafios no caminho da arte, o legado de cada uma é imenso e foi um privilégio conhecê-las de perto, hoje levando um pouco do seu pensar com arte por onde passo. Meus agradecimentos se estendem à professora Aurélia Regina Honorato, pelas costuras elaboradas entre os encontros na universidade e que nessa pesquisa se torna uma das principais referências, ao dar voz a alguns incômodos e formas de esperar no ensino da arte. À professora Daniele Zacarão, pelo incentivo em diversos momentos do percurso e por aceitar o convite de fazer parte da banca, junto ao professor Cláudio Moreira Jr., que tenho convivido há pouco tempo, mas que tem me inspirado muito com o seu modo de ser artista-professor.

Agradeço pelo apoio e incentivo daqueles que me acompanharam nos bastidores, como a minha mãe que sempre me incentivou a estudar, meu companheiro Vinícius, minha amiga e colega de curso Martina, meu irmão Luiz Eduardo e minha amiga Camila Mengue, que aceitou o convite de materializar as costuras aqui mencionadas, encadernando a versão impressa deste trabalho.

Aos meus guias e o pulso de vida que me mantém motivada a prosseguir no caminho da arte.

*“O artista acha que, por si só, não ensina.
Ele acha que não consegue estabelecer
essa relação. Mas, necessariamente, por ser
artista, ele tem o que ensinar.”*

Ana Mae Barbosa

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre o percurso de formação de uma artista-professora, pontuando alguns conceitos e perspectivas sobre o termo professor-artista e suas possibilidades de atuação profissional, nos espaços formais e não formais de educação. Caminha a partir da metodologia autobiográfica, narrativa e a/r/tográfica, por se tratar de uma pesquisa onde as identidades do artista, do professor e do pesquisador se entrelaçam (Dias; Irwin, 2013). É organizada através de recordações-referências em sua forma narrativa onde a pessoa é, simultaneamente, objeto e sujeito da formação (Josso, 2004). Tem como problema: “Na costura entre o ateliê e a sala de aula, quais as possibilidades de os professores-artistas contemplarem suas experiências e produções artísticas nas práticas pedagógicas em contextos formais e não formais de ensino da arte?”. Considera o conceito de experiência como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Bondía, 2002, p. 21), discorre sobre a importância da experiência com a arte como um elemento desencadeador, no sentido de possibilitar perceber as aulas de Artes como “espaços para mudança pela arte, Espaços do Possível” (Honorato, 2015, p. 15). Percebendo as aulas como um espaço de construção coletiva, repensa a sala de aula como um lugar de criação e intervenção artística. Ao costurar o ateliê com a sala de aula, ao considerar que o ato de planejar uma aula é uma espécie de composição artística reforça a ideia de que a prática pedagógica de um professor-artista pode estar intimamente conectada com sua prática artística, onde a aula se torna uma extensão do seu pensar com arte. Ao compartilhar suas experiências ou produções artísticas, pode elaborar proposições aos alunos tendo como referência questionamentos que surgem no seu próprio processo criativo, possibilitando um espaço onde os alunos são encorajados a viverem o percurso de criação, onde questionam, criam e refletem sobre sua realidade e sobre o fazer artístico.

Palavras-chave: Experiência; Formação de professor; Professor-artista.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - “Brincar com os sentidos”, arte digital, 2020	11
Imagem 02 - “O que? Onde? Como?”, arte digital, 2021	18
Imagem 03 - “Desembarço”, papel pardo, barbante e tinta acrílica, 2021	21
Imagem 04 - “Ponto de vista”, arte digital, 2021	23
Imagem 05 - “Atenção”, arte digital, 2021	24
Imagem 06 - “Apreciar”, arte digital, 2021	27
Imagem 07 - Processo criativo da participante da Oficina Cores e Formas no IFSC Araranguá	31
Imagem 08 - Dinâmica da teia no primeiro encontro no SCFV	33
Imagem 09 - Processo criativo	34
Imagem 10 - Exposição das produções dos alunos	35
Imagem 11 - Obra “Apego”. Concha, rosa e corda vermelho, 2021	36
Imagem 12 - Móbile da instalação “Poéticas de Autoconhecimento: onde os processos sensíveis humanos e da natureza se encontram” na biblioteca do Sesc Araranguá, 2022	36
Imagem 13 - “Rio de palavras”. Adesivos instalados no chão e nos móveis da biblioteca do Sesc Araranguá, 2022	37
Imagem 14 - Encerramento da mediação com os alunos do SCFV na biblioteca do Sesc Araranguá, 2022	38
Imagem 15 - “O como move, o cômodo não”, arte digital, 2020	39
Imagem 16 - “Entrelaçamento”, arte digital, 2020	41
Imagem 17 - Poema “o cômodo move, o cômodo não” em forma de instalação na biblioteca do Sesc Araranguá, 2023	17
Imagem 18 - 1ª edição do livreto “Arte Como Respiro”	44
Imagem 19 - Apresentação do artista Alex Santos na aula de Artes com o 2º ano na E.E.B de Araranguá, 2024	48
Imagem 20 - Publicação independente Aruzine ed. 04, 2022	49

Imagem 21 - Juliana Drewke Oliveira e Hilda Maziero na abertura da exposição “No íntimo da natureza: diálogos entre superfícies”, 2024	50
Imagem 22 - Colmeia de saberes proposta na formação	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

IFSC - Instituto Federal de Santa Catarina

SCFV - Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

SUAS - Proteção Social Básica do Sistema Único de Saúde

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Caminhos Metodológicos	13
1.2 Percorso dos capítulos	15
2 FORMA	18
2.1 Conhecendo Formas	20
2.2 Apreciando as Formas	23
3 ESTRUTURA	29
3.1 Traçando Perspectivas	30
3.2 Projetando Estruturas	32
4 APROFUNDAMENTO	41
4.1 O pertencimento no não pertencimento	42
4.2 Dialogando com outros territórios	45
5 EMPODERAMENTO	51
5.1 Proposta de curso	52
6 CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	59
ANEXO	61

1 INTRODUÇÃO

Difícil começar este texto com as costumeiras exigências da academia, apesar de atualmente possuir a experiência na graduação que me faz professora de artes, antes sou uma aprendiz de professora que pensa como artista. Quero brincar com as palavras e estruturas, ressignificar os espaços e provocar os sentidos.

Imagem 01 - “Brincar com os sentidos”, arte digital, 2020.

BRINCAR COM OS SENTIDOS PARA ALCANÇAR NOVOS

Fonte: acervo da pesquisadora.

Mas tenho encontrado pontos de transformação nesse espaço e entendido a importância da academia na formação tanto do artista quanto do professor: auxilia a dar forma, estrutura, aprofundamento e empoderamento. O exercício da pesquisa me faz olhar para dentro, para as ideias que fazem parte de quem estou sendo hoje, mas que estão criando forma ou coragem para serem compartilhadas. Me convida a ocupar um espaço no mundo e compartilhar esse espaço com o mundo. A presente pesquisa me desafia a entrelaçar a intuição e a razão, o poético e o científico, o que aparentemente pode ser distinto, penso que se complementam nessa narrativa que se constrói enquanto um desafio de falar do percurso de uma artista-professora na dimensão dos espaços e costuras entre o ateliê e a sala de aula.

Ao me reconhecer como artista iniciando uma trajetória na direção do ensino da arte¹, na graduação em Artes Visuais Licenciatura, vou me constituindo como artista e professora. Escrevo aqui “artista e professora”, pois no início a ideia de separação entre o papel (ou ofício) de artista e o papel (ou ofício) de professora era presente, mas que ao longo do percurso tem se integrado.

Em uma das aulas para a elaboração do projeto de pesquisa, o termo professor-artista é rememorado, onde me reconheço e hoje se torna tema desta pesquisa enquanto Trabalho de Conclusão de Curso. O termo professor-artista é visto como um conceito híbrido que caracteriza profissionais que desempenham simultaneamente as funções de fazer arte e de ensinar, ou que atuam na interface entre o conhecimento artístico e o saber pedagógico. O uso do hífen no termo indica uma integração dessas funções, enquanto sua grafia sem hífen sugeriria uma separação entre o papel de professor e o de artista. Assim, o termo não se aplica a um professor que também seja artista, mas sim a uma fusão dos dois papéis em uma única atuação (Dias; Martins, 2019).

O objetivo não é criticar o/a professor/a de Artes que não se vê como artista, mas enfatizar a importância da experiência com a arte como um elemento desencadeador, no sentido de possibilitar perceber as aulas de Artes como “espaços para mudança pela arte, Espaços do Possível” (Honorato, 2015, p. 15).

São conhecimentos que se complementam, e nessa direção, refletindo sobre o percurso na graduação, entendo que o artista que também atua como professor não precisa exercer sua prática artística apenas fora do ambiente escolar (Souza, 2021), mas que pode perceber o potencial de elaborar as aulas como elabora suas produções, ou mesmo, a partir de suas produções. Nesse sentido, entendo que isso pode fomentar ainda mais a aproximação da figura do artista com os alunos e ressignificar o espaço da sala de aula, que muitas vezes é visto de forma rígida e limitada. Apesar de compreender que há limitações no ambiente escolar ao comparar com instituições e locais direcionados a práticas artísticas, um de meus incômodos ganha voz através da escrita de Honorato: o fato de que, no contexto escolar, a arte frequentemente se limita a uma “*arte da escola*”. Quando falo de “*arte da escola*”, é de uma forma descolada do próprio conceito de arte que procuro trazer

¹ Nesta pesquisa, quando me refiro a disciplina escolar usarei a denominação Artes, conforme a resolução nº 1 de 31 de janeiro de 2006 do Conselho Nacional de Educação. (ver resolução na íntegra em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb001_06.pdf). O termo arte indicará a área de conhecimento.

enquanto professora-artista que vou me fazendo ser, a arte da escola foge às questões da arte propriamente dita quando se reveste de “ *siga o modelo*”, por exemplo e fica dentro de um formato em que a liberdade se restringe ao tempo, espaço e materiais que muitas vezes dificulta a experiência artística.

Por essas e outras reflexões vou buscando estruturar um problema de pesquisa, partindo de algumas questões norteadoras, como: Quais as possíveis relações da figura do professor com a figura do artista? Como se é professor-artista? É possível ver a aula como uma produção artística? Considerando a importância da figura do professor-artista, trazendo para cena a minha própria experiência enquanto artista que busca a relação com o ensinar e aprender arte, apresento como problema de pesquisa:

Na costura entre o ateliê e a sala de aula, quais as possibilidades de os professores-artistas contemplarem suas experiências e produções artísticas nas práticas pedagógicas em contextos formais e não formais de ensino da arte?

A partir deste contexto, reconhecendo-me como artista-professora², ainda que aprendiz, evidencio um percurso em que apresento meu processo de criação, aqui faço referência a criação de uma artista-professora. Nesse caminho, dentro de um percurso acadêmico em que me encontro, a presente pesquisa se insere na linha de pesquisa Educação e Arte, do Curso de Artes Visuais Unesc, a qual indica que: “Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação.” (PCC Artes Visuais Licenciatura, 20--, p. 55).

1.1 Caminhos metodológicos

Por se tratar de uma pesquisa onde as identidades do artista, do professor e do pesquisador se entrelaçam, elaboro uma costura entre a pesquisa autobiográfica, a narrativa e a A/r/tográfica. Prossigo com a abordagem autobiográfica, onde

² Quanto à escolha do uso do termo “professor-artista” ou “artista-professor”, justifico a escolha da segunda opção, em que me refiro ao profissional o qual seu papel de artista se fez antes do surgimento de seu papel como professor. Entendendo o termo “professor-artista” como uma atuação integrada entre o ofício de professor e o ofício de artista, não como um professor que é qualificado como artista ou vice-versa. O que torna a escolha particular, conforme o que melhor defina a sua trajetória profissional.

organizo uma narrativa sobre as experiências no percurso formativo do ensino da arte, por meio de recordações-referências, a partir do problema de pesquisa (Josso, 2004). Marie-Christine Josso define as histórias de vida como metodologia de pesquisa-formação, isto é, como metodologia onde a pessoa é, simultaneamente, objeto e sujeito da formação. O que se integra aos Estudos Narrativos, que oferecem uma importante perspectiva para pensar os processos formativos e autoformativos, ao buscar elementos que possibilitem uma docência em Artes construída a partir das experiências de vida do próprio sujeito, entendendo que os fragmentos pessoais também fazem parte de um contexto social (Nunes, 2020). Portanto, através da pesquisa narrativa o indivíduo pode reorganizar a sua história “criando laços de significado e coerência para eventos e acontecimentos marcantes ou, ainda, para aqueles que permanecem encobertos justamente porque não foram visitados com um olhar escrutinador e sensível” (Martins; Souza; Tourinho, 2017 p.13).

Ao buscar compreender meus incômodos que muitas vezes estavam ligados à sensação de distanciamento da escrita acadêmica tradicional, encontro na pesquisa A/r/tográfica um espaço de pertencimento. Entendendo a A/r/tografia como forma de investigação baseada na prática, porque é uma pesquisa viva que requer uma devida atenção para a evolução dos problemas durante a investigação (Irwin, 2013). Considerando que o problema de pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso busca refletir sobre a integração dos múltiplos e flexíveis papéis do artista-professor-pesquisador (Dias; Irwin, 2013), as recordações-referências analisadas nessa pesquisa estão entrelaçadas com produções artísticas autorais que caminharam comigo por espaços formais e não formais de educação em arte.

Sendo assim, no percurso dos capítulos proponho reflexões a partir de experiências que vivenciei em espaços não formais de educação como as intervenções artísticas na biblioteca do Sesc Araranguá e as oficinas no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) de Balneário Arroio do Silva, assim como as experiências em espaços formais de educação através dos estágios obrigatórios do curso de Artes Visuais Licenciatura UNESC, do qual faço parte.

Entre os textos inseri imagens que fazem parte de produções artísticas autorais, como as do livreto “Arte Como Respiro”³ (2023), assim como, poemas de

³ 1ª edição do livreto em seu formato digital em anexo na página 61.

autores/as brasileiros/as que me atravessaram no percurso e que vão provocando costuras na pesquisa. Nessa direção, apropriando-me do que a pesquisa A/r/tográfica possibilita, vou reconhecendo o poder das imagens e da palavra para explorar as percepções e maneiras de produzir significados, pessoal e coletivamente (Dias; Irwin, 2013).

Quando proponho a costura entre o ateliê e a sala de aula, faço uso da palavra ateliê para me referir aos espaços de criação como artista, um espaço onde “há uma variedade de instrumentos, equipamentos, materiais, técnicas e vocabulário peculiares ao uso e produção artística” (Dias e Martins, 2019 p. 122). Quando me refiro a sala de aula faço referência ao espaço escolar onde o professor de Artes atua, que “se estrutura a partir de um sistema de organização institucional, atravessado por ações e atividades em sintonia com o cotidiano, com a vida contemporânea, formatadas a partir de uma dinâmica interna colaborativa e suas adequações temporais” (Dias e Martins, 2019 p. 122). Nesse sentido, com o uso dessas palavras: ateliê e sala de aula no título, busco situar o leitor entre os espaços que geralmente relacionamos ao fazer artístico e o fazer pedagógico. Contudo, ao decorrer da pesquisa é possível perceber as relações entre os dois (espaços e fazeres). Sendo que o desejo de brincar com as palavras e estruturas, ressignificar os espaços e provocar os sentidos, que escrevi anteriormente, consiste em questionar as possibilidades da integração entre esses dois espaços que por vezes se distanciam, mas que quando os seus sentidos (em relação a sua função ou utilidade) são entrelaçados possibilitam *Espaços do Possível*, parafraseando aqui Honorato (2015).

1.2 Percurso dos Capítulos

Organizo os capítulos a partir da linha que costura meu percurso na formação como artista-professora de criar **forma, estrutura, aprofundamento e empoderamento**.

No capítulo “Forma” inicio apresentando sobre a forma que a arte se apresenta e ganha espaço no meu caminho, em seguida discorro sobre percepções que fui estabelecendo através das experiências em uma das primeiras disciplinas de laboratório do curso, a disciplina de Fundamentos da Linguagem Visual, costurando reflexões entre a produção artística e as possibilidades do ensinar pela prática

poética. O conceito de experiência de que trato, inspira-se a partir do texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” de Jorge Larrosa Bondía (2002), discorro sobre a importância da atenção na contemporaneidade em relação a experiência artística tendo como costura a 33ª Bienal de São (2018), o material pedagógico “Convite à Atenção”, “Do Moderno ao Contemporâneo” (2009) de Kátia Canton e páginas do livreto de minha autoria “Arte Como Respiro” (2023).

Neste percurso, ao perceber a necessidade de organizar, definir e sustentar, tanto na criação artística quanto na prática pedagógica, no capítulo “Estrutura”, elaborei uma análise sobre as práticas artísticas com as quais estava me envolvendo entre 2019 e 2022, buscando dialogar com o contexto da educação básica ao conhecer os documentos norteadores oficiais como a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo Base do Território Catarinense. Escrevo sobre o início da estruturação de minha atuação como artista-professora em espaços não formais de educação, nesse caso na biblioteca do Sesc Araranguá e no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, estabelecendo costuras com a escrita de Anne Marie Holm (2004) e Monique de Souza (2021).

No capítulo “Aprofundamento” discorro sobre o momento do percurso na graduação em Artes Visuais Licenciatura, em que aprofundei a pesquisa sobre as práticas artísticas e pedagógicas que estive envolvida, como o programa Residência Pedagógica, onde percebi a professoralidade não como uma identidade fixa a ser incorporada, mas como um compilado de potenciais e experiências que segue em movimento (Pereira, 2021). Entre essas recordações-referências (Josso, 2004), vou elaborando reflexões sobre a formação como artista-professora, assim como a pesquisa sobre os termos artista-etc (Basbaum, 2013) e professor-artista (Dias; Martins, 2013) dialogando com as percepções de Rigatti (2019), sobre o ser e estar artista-professor.

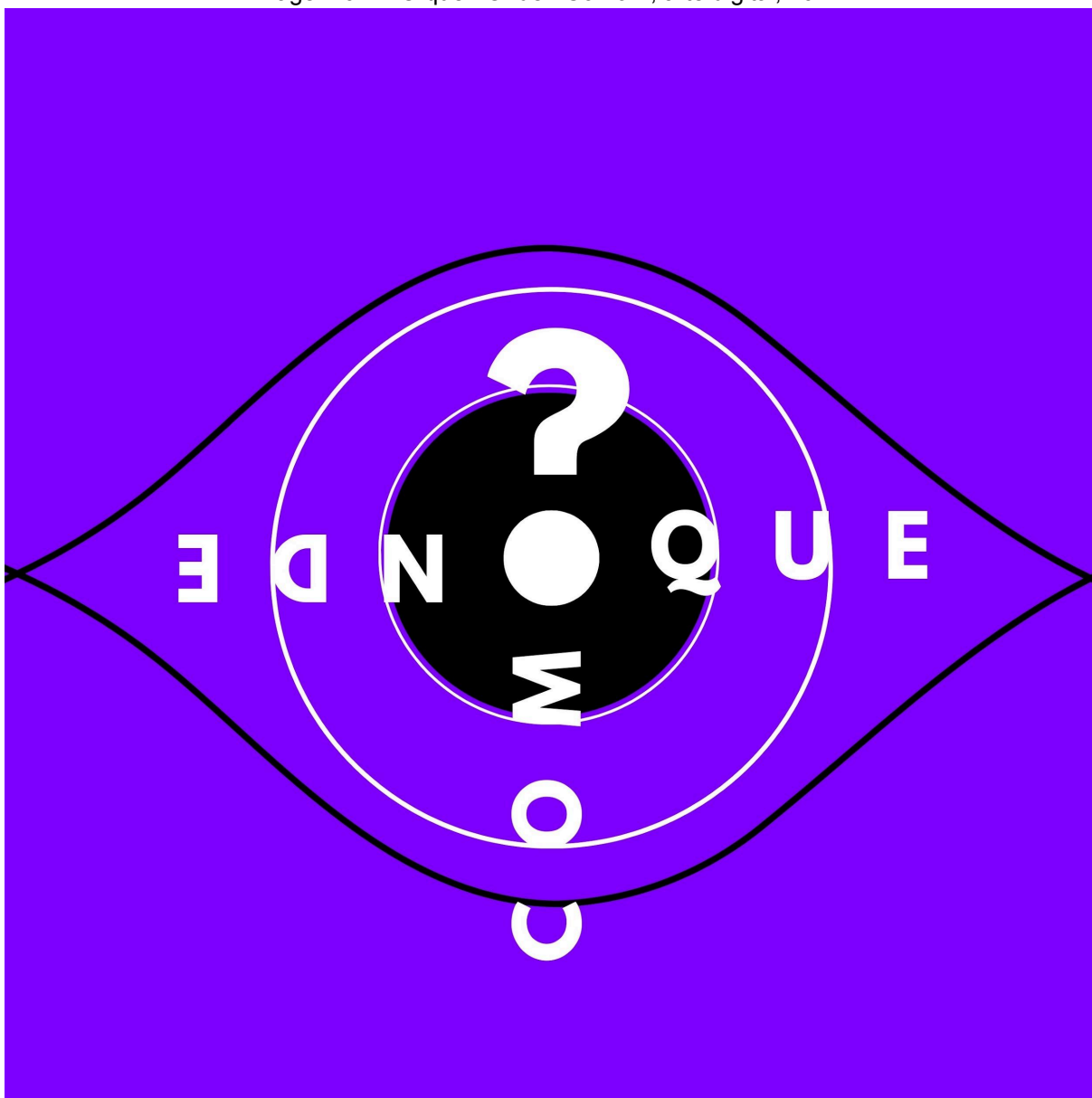
Encontrando o pertencimento no não pertencimento, entendo como empoderamento o processo de tornar consciente e integrar meus potenciais. No capítulo “Empoderamento” discorro sobre minha participação no encontro de formação continuada pelo Programa Arte na Escola Polo Unesc, com professoras de Artes da rede pública de educação, o qual me inspira a elaborar o Projeto de Curso.

Ao longo desta pesquisa, parto do princípio de que investigar não encerra o assunto, mas abre novos caminhos. Através do método a/r/tográfico, compreendo que “o processo de investigação torna-se tão importante, às vezes até mais, quanto

a representação dos resultados” (Irwin, 2013, p. 31). Concluindo que a pesquisa, ao explorar as recordações-referência (Josso, 2004) na autocriação de uma artista-professora, transformou-se em experiência ao mover-me entre o pessoal e o coletivo. Compreendo que é necessário um perfil flexível e criativo dos professores de Artes contemporâneos, o que evita uma atuação passiva e desconectada das transformações do mundo. Inspirada em Ana Mae Barbosa e Rigatti, reconheço que o professor-artista não apenas ensina e cria, mas ensina produzindo e produz ensinando, ao transformar o planejamento de aula em uma extensão de seu processo de criação artística, capaz de provocar uma educação do olhar, uma experiência estética crítica. Este percurso me permitiu encontrar uma prática pedagógica que integra ensino da Arte e a produção artística, onde os espaços formais e não formais de educação se tornam também um ateliê de transgressão.

2 FORMA

Imagem 02 - “O que? Onde? Como?”, arte digital, 2021.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Escrever sobre seu próprio percurso é uma espécie de curadoria de si. Torna-se um “*rasgar-se e remendar-se*”.⁴ É preciso rasgar barreiras, vasculhar memórias, questionar pensamentos, investigar impulsionamentos e incômodos, para então, construir uma narrativa que faça algum sentido e compartilhar com o mundo

⁴ Referência do poema “Viver é um rasgar-se e remendar-se” de Guimarães Rosa.

com mais clareza. Dialogando com o que Josso (2004) apresenta sobre a pesquisa autobiográfica, que segundo a autora “implica deixar-se levar pelas associações livres para evocar as suas recordações-referências e organizá-las numa coerência narrativa, em torno do tema da formação” (Josso, 2004, p. 39). A partir disso, sinto-me mais à vontade em dar continuidade a esta escrita, iniciando com o capítulo “Forma”, onde compartilho aqui a forma com que o chamado da arte surge no meu caminho, que não foi em um cenário bonito, mas que se transformou em beleza através da relação com ela.

Venho de família de cidade pequena, a raiz materna vem de Meleiro e a paterna de Pedras Grandes, ambas de Santa Catarina. Minha avó materna depois que se aposentou como merendeira escolar, iniciou uma trajetória de artesã, pintora e professora de pintura. Mesmo visitando-a com uma certa frequência, percebo que não houve estímulo para a arte e cultura, mas era uma criança curiosa, era de costume mexer nos seus pincéis e tintas, fazendo experimentos.

Sempre estudei em escola pública e fui muito dedicada aos estudos, estar na escola era divertido, era de certa forma um ponto de respiro, de oportunidade de crescimento, sentia muita vontade de criar conexões humanas, de conhecer mais do mundo e ali supria um pouco dessa sede. Lembro-me das aulas de Artes no Ensino Fundamental I, especificamente uma aula sobre os tipos de linha (reta, curva, sinuosa, etc). Com o olhar de hoje costurando com a experiência da época, vejo que foram aulas de um brincar inteligente, onde existia a possibilidade de conhecer de perto os objetos que formavam as brincadeiras entre os materiais e o suporte. No Ensino Fundamental II, lembro-me de uma prática com máscaras de gesso, que me marcou pela memória do toque ao trabalhar com gesso e atadura, além de termos elaborado as máscaras em equipe, o que possibilitou de experienciar o trabalho colaborativo e a confiança no/a colega.

Minha memória em relação às aulas de Artes dá um pulo para o Ensino Médio, onde não recordo de muita coisa, além de algumas aulas sobre História da Arte, em que a professora utilizou do retroprojeter para apresentar o conteúdo. Não sei se era o cansaço por já estar trabalhando naquele período, se era o método, a linguagem ou a falta de empolgação da professora em apresentar o tema, mas não me sentia estimulada a estudar sobre arte e percebo que essa experiência influenciou minha inclinação para pesquisar sobre a História da Arte, o que foi ressignificado posteriormente durante a graduação em Artes Visuais Licenciatura.

Em 2015, com 16 anos, estava no terceiro ano do ensino médio e morava com a minha mãe e meu irmão em Araranguá - SC. Naquele momento minha mãe e eu esperávamos a resposta de emprego para nós duas. Desde pequena tinha afinidade por produções artesanais, tanto como apreciadora como criadora, meus amigos conhecendo meu gosto pelo desenho e pintura me impulsionaram a customizar peças de roupa. E pensei “*Por que não?*”. Está aí outra coisa que a arte sempre me incitou: coragem.

Há momentos na vida que do nada se encontra o tudo. Comecei com peças de roupa que tinha em casa e por ali fui explorando esse mundo. Na terceira peça que pintava, encontrei o ponto de encontro com o tudo. Todo o mundo cabia ali: tecido, pincel, tinta e olhar profundo. Lembro do meu espanto: “Caramba! Como isso me faz bem, quero compartilhar com o mundo”. Contextualizo para chegar no pulso que me impulsiona até hoje: a arte transforma.

Segui por alguns anos no caminho da criação de estampas pintadas à mão, prática que foi ganhando espaço e aprofundando o propósito em cada passo, em cada pintura nova e na relação com o outro através dela. A arte se apresentou como alimento, alimento para a alma e como parte do sustento. Se tornou uma amiga íntima generosa, em suas possibilidades de acolhimento, conhecimento e transformação.

Apesar de ter experimentado algumas trilhas diferentes como o curso Técnico em Têxtil pelo IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina) Campus Araranguá em 2017, assim que concluí o ensino médio, fui entendendo que o caminho seria definitivamente trilhado na arte, ingressando em 2019 no curso de Artes Visuais Licenciatura pela UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense). Ao ingressar, me identificava como artista, na época gostaria de ter ingressado em bacharel, mas devido a UNESC ter um programa de bolsas de incentivo às Licenciaturas, resolvi explorar esse caminho que se abria no ensino da arte e que hoje percebo de grande valia.

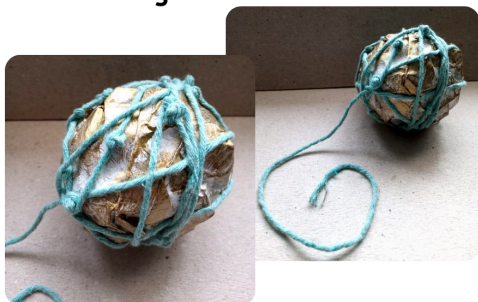
2.1 Conhecendo Formas

Neste subcapítulo rememoro a disciplina de Fundamentos da Linguagem Visual, por nela ter tido espaço e estímulo para explorar formas de pesquisa e produção que geraram frutos que reverberam até hoje. A disciplina foi ministrada em

2021 pela querida artista-professora Odete Angelina Calderan (in memória). Professora Odete, deixou esse plano em 2024, transmutando sua forma, deixando sua marca em muitas linhas de vida, eternizando-se em poesia. Odete era artista e professora, como artista em sua docência praticava o ensinar arte com afeto e uma sofisticada simplicidade, onde nos orientava a desvelar a beleza profunda das coisas ordinárias, assim como em suas produções. Nesta disciplina a professora nos convidou a apreciar produções artísticas que dão ênfase às formas fundamentais das artes visuais, como por exemplo a linha e o ponto, em seguida fazia proposições poéticas e estéticas sobre o caminhar que nos proporcionaram exercícios do olhar artístico no/para o cotidiano.

Imagem 03 - “Desembaraço”, papel pardo, barbante e tinta acrílica, 2021.

**DESEM
BARAÇO**



Papel pardo, barbante
e tinta acrílica, 7cm.
Hilda Maziero, 2021.

**DESEM
BARAÇO**

Desembaraço faz referência ao presente como ponte entre o passado e o futuro. O presente como oportunidade do desembaraço do passado para a criação de um futuro melhor.

Por vezes imaginamos o tempo como algo linear, mas através dessa relação de transformação entre passado, presente e futuro, nós vemos em ciclos, círculos ou esferas pelas voltas que a experiência através do tempo nos dá.

A cor dourada faz referência ao ouro, que na filosofia do alquimista é o nosso objetivo: transformar o nosso material mais bruto - chumbo - em ouro - nossa essência. A cor do barbante, azul, não foi intencional, mas podemos relacionar com o chakra cardíaco, assim, trazendo referência às nossas relações, aos nossos laços e que através do nosso coração, através do amor podemos desembaraçar os nós do passado e presente, para assim, criarmos uma fluidez em nossa esfera. Nossa esfera localizada no peito e nossa esfera mãe: a Terra.

Fonte: acervo da pesquisadora

Revisitar a produção artística “Desembaraço” (imagem 03) me causa a sensação de sincronicidade, por estar hoje escrevendo esta pesquisa de conclusão de curso, olhando para o passado, desenrolando-o no presente através da escrita, possibilitando refletir sobre potenciais para a continuação desta jornada enquanto professora em formação. Bom lembrar da linha azul que remete ao chakra cardíaco, quero escrever na integração entre o sentir e o pensar. Relembrar essa produção me auxiliou a conectar com o que me inspira e movimenta, me auxiliou a escrever com a chama do coração.

A professora Odete - assim como outros/as professores/as do curso - nos provocou a pensar nas proposições e produções artísticas elaboradas ou apreciadas no ateliê para nos preparar para a sala de aula. Essas aulas de práticas artísticas no ateliê possibilitaram o estudante experienciar o papel de quem aprecia, cria e compartilha experiências com a arte, destacando o fato de que é essencial que o/a professor/a tenha experiências artísticas para posteriormente elaborar proposições artísticas para/com os alunos.

Sobre o conceito de experiência, Larrosa diz que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (Bondía, 2002, p. 02). Essa citação me leva para um momento do percurso nessa disciplina que foi a proposição “*caminhar, observar e coletar*”. A proposta seria de anotar as percepções durante uma caminhada: cor do céu, elementos do chão, pessoas, objetos, movimentos e pausas. Ao caminhar, realmente passamos por muitas coisas, mas nem tudo nos toca. Iniciar a pesquisa para identificar o que me atravessa no caminho, além de provocar os sentidos, possibilitou reconhecer minha forma de conectar com o mundo e forneceu coragem para explorar formas mais autênticas de criação.

Ao pensar em como elaborar uma proposta de aula a partir dessas produções criadas no ateliê, aprofundo a reflexão sobre o processo criativo: quais palavras, imagens, texturas ou sons me atravessaram e o que ecoa a partir deles? Qual seria o motivo ou os motivos desses elementos terem me tocado? Como esses atravessamentos reverberam no meu cotidiano? Qual a relação com os materiais? Quais palavras compartilhadas pela professora foram dispositivos para a pesquisa e produção artística? Faço essas perguntas de uma forma a exercitar a criação de questionamentos ou proposições-chaves para os futuros alunos com quem irei atuar. Venho percebendo que ser uma artista-professora que tem um vasto repertório para conseguir responder e informar é importante, mas ser uma artista-professora que saiba perguntar é essencial. A pergunta nos invoca ao exercício do pensamento crítico, à elaborar nossa própria forma de investigar a si mesmo e o mundo.

Imagem 04 - “Ponto de Vista”, arte digital, 2021.



Fonte: acervo da pesquisadora.

A arte convida à observação atenta, ao questionamento dos códigos visuais, culturais e sociais que nos cercam. Aprender a elaborar perguntas nos levam a interpretações mais profundas, que não se limitam ao óbvio, mas que envolvem múltiplos significados e perspectivas. O ensino da arte tem o papel de fazer com que o estudante questione sua realidade, reveja suas percepções e construa um novo entendimento sobre suas identidades. Essa prática crítica se estende para além do campo estético: ao questionar o que vê, o aluno começa a questionar o que vive, o que sente e como se relaciona com os outros. A arte, por sua própria natureza, provoca o olhar, desconforta e transforma. Seriam essas as possibilidades de os professores-artistas contemplarem suas experiências e produções artísticas nas práticas pedagógicas? Essa pergunta me acompanha nesse percurso, em que me coloco como pesquisadora e vou procurando a figura da professora nesta artista que sou.

2.2 Apreciando as Formas

“Não esqueça sobretudo, de olhar devagar.”

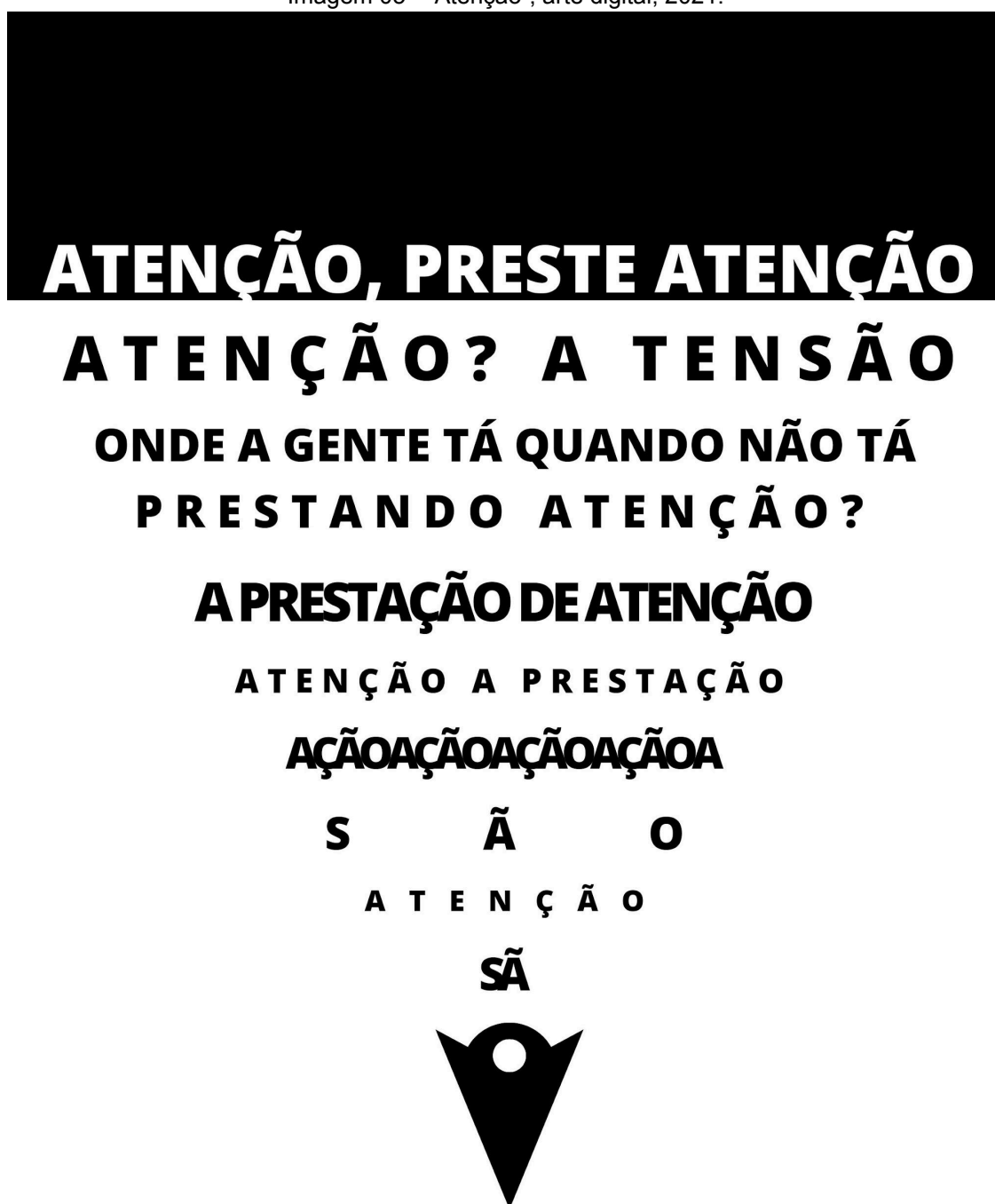
Vasco Gato

Existe uma possibilidade de caminho: experiência, digestão, expressão e reverberação. Neste percurso o que move o caminho é o próprio estímulo da

experiência, que ganha corpo conforme vamos refletindo e dialogando sobre ela, e essa experiência, quando expressada e compartilhada, continua gerando novos atravessamentos — desde que estejamos presentes.

A presença, tão valorizada em muitas filosofias orientais, nos convida a desacelerar e a focar no aqui e agora. No entanto, se o ser humano contemporâneo é bombardeado por múltiplos estímulos simultâneos, em que ele estaria realmente prestando atenção?

Imagem 05 - “Atenção”, arte digital, 2021.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Katia Canton em seu livro “Do Moderno ao Contemporâneo” fala que a arte “ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas [...] A arte pede um olhar curioso, livre de ‘pré-conceitos’, mas repleto de atenção. ” (2011, p. 12 e 13). A relação com a atenção é tão relevante para as artes visuais que orientou o programa curatorial da 33ª Bienal de São Paulo (2018) intitulada “*Afinidades Afetivas*”, onde enfatizou “o potencial da atenção à obra de arte, como contraposição ao modo dispersivo com que hoje nos dedicamos a inúmeras tarefas simultaneamente” (Trasferetti, 2018, p. 20). O curador Gabriel Pérez-Barreiro, compartilha sua percepção de que visitar exposições, ao se tornar um hábito, parece que de alguma forma desgastou as chances de atravessamentos significativos com o objeto artístico, ao observar que “os visitantes vão de um objeto ao outro, sem se deter por mais de alguns segundos em cada um deles, antes de seguir adiante” (Barreiro, 2018, p. 27). O que dialoga com o que Larrosa aponta como um dos porquês da pobreza de experiência⁵ que caracteriza o mundo contemporâneo: o excesso de informação, em uma perspectiva de que os visitantes citados por Pérez-Barreiro estariam sendo “*os sujeitos da informação*”, sendo que:

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (Bondía, 2002, p. 02 e 03)

Em um mundo onde estamos constantemente buscando mais dados e respostas rápidas, acabamos perdendo a oportunidade de parar para olhar, ouvir, sentir ou sermos tocados. A partir dessa questão, que envolveu a 33ª Bienal de São Paulo, foi elaborado o projeto educacional “*Convite à Atenção*”, que propõe exercícios de atenção como um tipo de mediação, onde o observador não escolhe o caminho, mas desafia-se à experiência de relação com a obra de arte. Esse tipo de exercício me faz recordar o que Honorato (2015) fala em sua tese sobre a arte como espaço do possível, ela relaciona a apreciação estética com a entrega ao desconhecido: “Espaços da experiência como o meio, como o mundo das sensações” (Honorato, 2015, p. 57).

⁵ Jorge Larrosa dialoga com o que Walter Benjamin escreve sobre a pobreza de experiência no ensaio “Experiência e Pobreza” contido no livro “O anjo da história” (2012), onde faz críticas à modernidade e seus efeitos na sociedade contemporânea.

Nesse contexto, percebo que as produções artísticas oferecem uma espécie de resistência ao exigir de nós presença, tempo e reflexão, mas independente do espaço físico que aconteça a apreciação, sendo em um pavilhão da Bienal, em uma sala de aula ou em um ateliê, podemos perceber que o que irá possibilitar a experiência não é necessariamente a disponibilidade dos objetos artísticos, mas como nós nos disponibilizamos à oportunidade de atravessamento.

Imagem 06 - "Apreciar", arte digital, 2020.

a p r e c i a r
é diferente de
passar o tempo

a p r e c i a r
é **||**
pausar o tempo

Fonte: acervo da pesquisadora.

Pausar o tempo talvez seja sobre não ter pressa, estar atento ao que se apresenta na sua frente no agora, apreciando os detalhes, observando o que sente, deixando surgir questionamentos e uma linha narrativa que atravessa o tempo e espaço entre a expressão artística e a nossa percepção.

Essas proposições me provocam a pensar que as possibilidades de experiência artística em contextos formais ou não formais de ensino da arte, estão ligadas à capacidade do mediador (professor, artista ou professor-artista) de criar espaços que provoquem essa disponibilidade, que possa conduzir os sujeitos a perceberem que a experiência depende mais do "como" (modo de olhar) do que "onde e o que" (ambiente ou do objeto em si). Me fazem refletir, como artista-professora, sobre a possibilidade de contribuir para a transformação de um espectador passivo⁶ para um observador engajado⁷. Dessa forma, é possível perceber que o ensino da arte, deve ter estreita relação com a educação do olhar (ou de todos os sentidos, sabendo que há diferentes linguagens artísticas, assim como diferentes sujeitos), educação não no sentido de domesticar, mas de provocar a transgredir as obviedades.

⁶ O espectador é geralmente entendido como a pessoa que vê uma obra de arte. O termo enfatiza o ato de presenciar ou estar diante de uma obra, mas não necessariamente implica em um envolvimento mais profundo ou crítico. O espectador pode simplesmente apreciar a arte de forma mais passiva, focando no impacto estético imediato.

⁷ O observador sugere alguém que, além de ver, se envolve em um processo de análise e reflexão. O observador está mais atento aos detalhes, faz interpretações, busca compreender contextos e significados mais amplos da obra, onde a atenção se volta tanto para os aspectos visuais quanto para as ideias e sensações evocadas pela obra.

3 ESTRUTURA

*“Traça a reta e a curva,
a quebrada e a sinuosa
Tudo é preciso.
De tudo viverás.*

*Cuida com exatidão da perpendicular
e das paralelas perfeitas.
Com apurado rigor.
Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo,
traçarás perspectivas, projetarás estruturas.
Número, ritmo, distância, dimensão.
Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.*

*Construirás os labirintos impermanentes
que sucessivamente habitarás.*

*Todos os dias estarás refazendo o teu desenho.
Não te fatigues logo. Tens trabalho para toda a vida[...].”
Desenho
Cecília Meireles*

Cecília Meireles nos provoca a projetarmos estruturas. Ao refletir sobre a palavra "estrutura", entendo que significa organização, disposição e ordem dos elementos essenciais que compõem um corpo, aquilo que dá sustentação a alguma coisa. Penso nisso ao me perceber no processo de organizar a percepção em palavras, de organizar o percurso em capítulos, ou então em planejar uma aula ou uma instalação artística. Tanto na criação artística quanto na prática pedagógica, percebo a necessidade de organizar, de definir e sustentar, o que de certo modo pode limitar, mas que oferece uma base a partir da qual a ideia se desenvolve e encontra suas múltiplas possibilidades de experiência, onde a liberdade criativa coexiste com o surgimento da estruturação. Aqui encontro mais uma vez a aproximação entre a criação artística e o planejamento de uma aula, quando o alimento é a liberdade criativa.

Neste capítulo elaboro uma análise sobre as práticas artísticas com as quais estava me envolvendo entre 2019 e 2022, buscando inseri-las no contexto da educação básica. Para além da estrutura do espaço escolar, relato experiências em espaços não formais de educação, nesse caso na biblioteca do Sesc Araranguá e no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, onde tive minha primeira experiência como professora e percebo esse momento como o início de uma

estruturação no que diz respeito a minha atuação e expansão de repertório como artista-professora.

3.1 Traçando Perspectivas

Fazendo alusão ao poema de Cecília Meireles que nos faz o convite de traçarmos perspectivas e de projetarmos estruturas, proponho neste subcapítulo o traçado de perspectiva, rememorando a disciplina de Fundamentos do Ensino da Arte, quando tive o primeiro exercício de elaboração de um projeto de aula a partir de uma estrutura que contemplou documentos que norteiam o ensino da arte, como a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo Base do Território Catarinense. Trabalhamos numa estrutura a partir de um tutorial que ainda não tínhamos, aqui elaborei o meu primeiro projeto. Esse projeto surgiu a partir da oficina Cores e Formas que ministrei no IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina) Campus Araranguá em 2019. Na época, fui convidada pelo IFSC como artista, estava na primeira fase do curso de graduação em Artes Visuais Licenciatura.

Nesse período ainda não tinha contato com as orientações dos documentos norteadores da educação básica, então elaborei o projeto da oficina a partir do que me atravessou e de meus experimentos ao conhecer o movimento Expressionismo Abstrato⁸ e seus precursores: Jackson Pollock⁹ e Mark Rothko¹⁰. Assim como Cecília Meireles sugere em seu poema a criação de um desenho “Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo”, mas incentiva a confiança no próprio corpo e vivência a partir do trecho: “Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória”, segui integrando autonomia com base na minha experiência e com o que tinha reconhecido de potencial até então.

⁸ Expressionismo Abstrato foi um movimento artístico que surgiu na década de 1940, ocupando um lugar no mundo da arte no período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial. Tem características muito específicas, como a criação espontânea, o subjetivismo, a emoção, mas essa expressão também mescla aspectos de outros períodos, como o expressionismo alemão, cubismo e o surrealismo.

⁹ Jackson Pollock, foi um pintor norte-americano e referência no movimento do expressionismo abstrato. Tornou-se conhecido por seu estilo único de pintura por gotejamento (ou dripping).

¹⁰ Mark Rothko é uma figura-chave do movimento Expressionismo Abstrato, mais conhecido por suas grandes pinturas de campo de cor. Nascido Markus Rothkowitz em Dvinsk, Império Russo (hoje Letônia) em 1903, Rothko e sua família imigraram para os Estados Unidos em 1913.

Imagem 07 - Processo criativo da participante da Oficina Cores e Formas no IFSC Araranguá, 2019.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Na proposição da disciplina de Fundamentos, de elaboração de um plano de aula, iniciei uma análise sobre as práticas artísticas com as quais estava me envolvendo tanto no meu ateliê quanto no projeto do IFSC, tendo agora os documentos norteadores citados. Foi possível a partir dessa proposição analisar a oficina Cores e Formas com *apurado rigor*, numa espécie de pesquisa sobre a prática, onde elaborar uma estrutura não limitou a experiência, mas organizou o potencial da proposta. Dessa vez direcionando a proposta para turmas do 9º ano, analisando e definindo o objetivo geral, os objetivos específicos, as competências e as habilidades. A partir dessa proposição foi possível exercitar formas de levar para a sala de aula as práticas artísticas que desenvolvia em meu ateliê. Assim, fui elaborando a integração das minhas identidades enquanto artista-professora em formação, ampliando o olhar sobre o que já havia fazendo e traçando novas perspectivas.

3.2 Projetando Estruturas

“Ao nascer, viviam cada um no leito de seus rios até aprenderem a enxergar. [...] Acontece que, já desde cedo, nós todos também sabíamos que existem outros rios por toda terra afora, e qualquer criança sonhava dia e noite com ir conhecer essas águas mais distantes, de outras cores, outros gostos, que acariciam a pele da gente de um jeito diferente. Aos poucos, elas iam colhendo coragem nas árvores, juntando nos bolsos, até que um dia saíam em busca de outras nascentes.”

O rio

Pedro Cunha e Flávia Arruda

Em 2022 acontece a minha primeira experiência como professora, na Oficina de Artes no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos de Balneário Arroio do Silva. O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV é uma política pública da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) que tem como objetivo fortalecer os vínculos familiares e comunitários, além de promover a integração e a troca de experiências entre os participantes, valorizando o sentido de vida coletiva. Na primeira reunião com a coordenadora Liege Maciel, ela deixa claro que a proposta das oficinas não é para as crianças e adolescentes terem aulas de Artes como no espaço formal de educação, com as exigências de atender um currículo pré-determinado ou ter métodos avaliativos, mas que os alunos experimentassem diferentes práticas artísticas conectadas com o que gostam. A partir da fala da coordenadora é possível fazer uma costura com o pensamento de Anna Marie Holm quando escreve sobre sua oficina de artes visuais. A artista dinamarquesa, que tem como palavras-chaves de suas oficinas o espaço livre e a ausência de limitações, vê a avaliação das produções artísticas das crianças como “uma invenção dos adultos”, e discorre: “O que ocorre durante a experiência estética é mais amplo. A compreensão se dá por meio dos sentidos, ampliando a consciência.” (Holm, 2004, p. 84). O pensamento de Holm faz sentido com a proposta das oficinas ofertadas no SCFV, que apresentam-se como estratégia de aproximação com a vida das crianças e adolescentes que o frequentam, assim como, dialoga com a perspectiva contemporânea do ensino da arte, que valoriza a experiência dos sentidos.

Imagem 08 - Dinâmica da teia no primeiro encontro no SCFV.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Fui percebendo ali as aulas como um espaço de construção coletiva, onde ouvir o que os alunos querem e entender suas necessidades é a costura inicial, sendo que carregam consigo uma bagagem cultural, trazendo para esse espaço diversos elementos sociais e culturais presentes em seu cotidiano, família e círculos sociais (Souza, 2021), o que também possibilitou o reconhecimento e a ampliação de meu próprio repertório.

Em um dos meses de atuação no SCFV, elaborei uma sequência de encontros com o tema Expressionismo Abstrato, onde os adolescentes foram convidados a criarem pinturas abstratas em dupla, cada dupla com duas cores apenas, numa proposta de limitar os materiais como desafio criativo ao conhecerem o trabalho de Mark Rothko que tinha como convite ao espectador observar como as cores, formas e fundo interagem entre si.

Imagem 09 - Processo criativo.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 10 - Exposição das produções dos alunos.



Fonte: acervo da pesquisadora.

A ideia de fazer da parede lisa com cores sóbrias do refeitório um espaço expositivo, veio da vontade de criar com os alunos um momento de apreciação e diálogo sobre as suas produções, assim como possibilitar atravessamentos através das pinturas na convivência com aquele espaço. Monique Souza, ao escrever sobre a finalidade da exposição dos trabalhos artísticos dos alunos, discorre que “consiste em propor às pessoas que parem, observem, analisem e construam sua concepção sobre a arte. Olhar, analisar, comparar e refletir constitui já um exercício de leitura de imagem.” (Souza, 2021, p. 42). Considerando que adolescentes do grupo tinham pouquíssimo contato com exposições artísticas, quis provocar ali a possibilidade de reflexão sobre espaços expositivos de arte, que muitas vezes é limitada aos espaços institucionais e distante da realidade deles. Segundo Bugmann (2006, p. 03), “A familiarização com a exposição, a atitude de observador permite uma naturalização do costume de visitar exposições facilitando a procura ou aceitação dessa atividade até fora do contexto escolar”. Mas para além de disponibilizar o espaço expositivo foi necessário provocar o olhar através de questionamentos como: o que você sente a partir dessa combinação de cores? O que você vê nessa abstração? O título da pintura faz sentido? Em uma oportunidade de exercitar a apreciação estética e a crítica com os alunos.

Nesse mesmo período em que atuava como professora no SCFV, fui convidada para elaborar uma intervenção artística na biblioteca do Sesc Araranguá, através do projeto Biblioteca Inquieta¹¹. Foi nesse projeto que comecei a projetar estruturas para as produções criadas na disciplina de Fundamentos da Linguagem Visual, mencionadas no capítulo Forma.

Imagem 11 - Obra "Apego". Concha, rosa e corda vermelho, Hilda Maziero, 2021.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Essa produção artística é elaborada a partir dos exercícios do olhar poético no cotidiano, da proposição da linha e do ponto, parte de um olhar atento sobre a arte, um olhar que percebe no seu entorno as coisas¹² pequenas como valiosas, que percebe as relações como aprendizado.

¹¹ *Biblioteca Inquieta* é um projeto realizado desde 2018 pela Rede de Bibliotecas do Sesc de Santa Catarina, que prevê a participação de artistas que utilizem o espaço da biblioteca como suporte para o seu trabalho, reorganizando-o, incorporando-o elementos, além de promover oficinas, mediações e outras interlocuções com o acervo, potencializando o uso deste espaço e sobretudo aproximar o leitor da literatura e da arte.

¹² Coisas no sentido de englobar objetos, elementos naturais que encontramos no caminho e acontecimentos entre as relações humanas e não humanas.

Imagem 12 - Móbile da instalação “Poéticas de Autoconhecimento: onde os processos sensíveis humanos e da natureza se encontram” na biblioteca do Sesc Araranguá, 2022.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Essa edição da Biblioteca Inquieta teve como livro referência “O Rio” de Pedro Cunha e Flávia Arruda, onde a narrativa se desenvolve em torno de metáforas entre a vida de um rio e os movimentos da vida humana, como individualidade e coletividade, desapego e a fluidez. O que dialoga como a obra “Apego”, que foi a produção artística central da intervenção

Imagem 13 - “Rio de palavras”. Adesivos instalados no chão e nos móveis da biblioteca do Sesc Araranguá, 2022.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A formação do “Rio de palavras” dialoga com o conteúdo do livro, que elabora uma metáfora entre o momento que o rio se integra com o mar, numa relação entre a individualidade e coletividade e do movimento de vida-morte-vida constante que compõem a vida. Nesse sentido, percebo-me como um rio, prosseguindo no percurso artístico, com diferentes ritmos em direção ao mar: o compartilhar.

Em uma das mediações recebi o grupo com o qual atuava no SCFV, nesse contexto me vi elaborando estruturas tanto como artista como professora. Talvez aqui me reconheça como artista-professora. Ao compartilhar sobre o que me atravessa e sobre o processo criativo, me vi no ensino da arte pela prática poética.

Imagem 14 - Mediação com os alunos do SCFV na biblioteca do Sesc Araranguá, 2022.



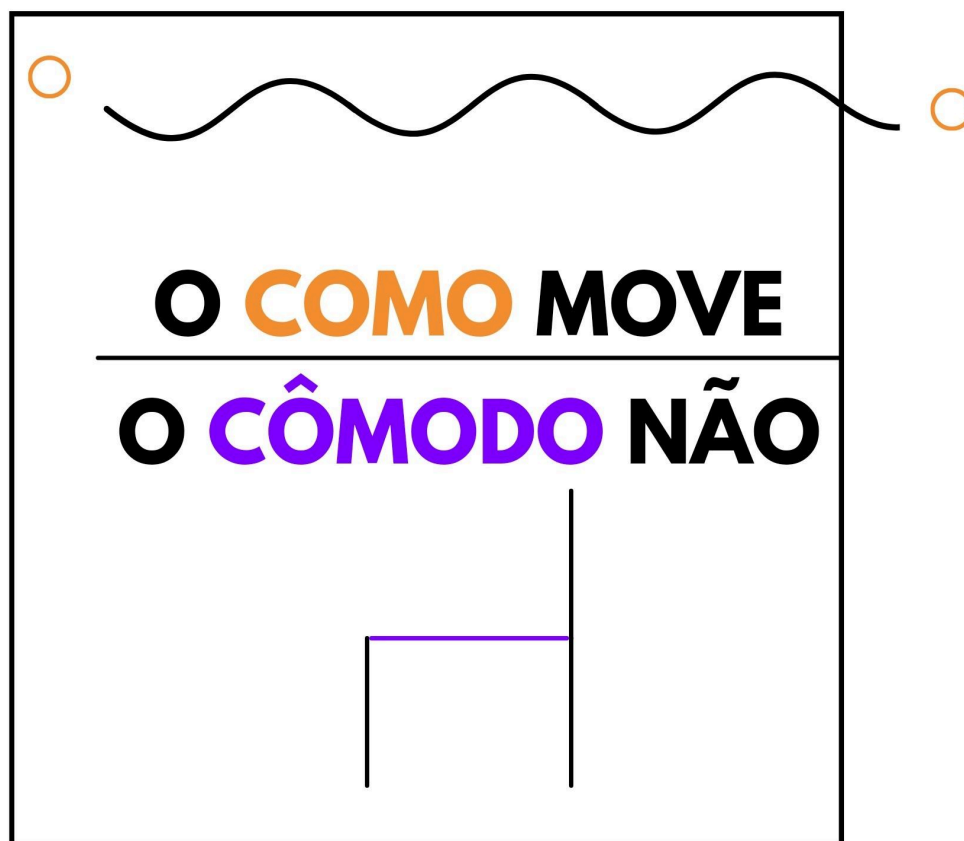
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Percebi que ao me verem como artista e professora, os alunos ficaram mais atentos, curiosos e dispostos a dialogar, o que ganha força a partir da percepção de Souza, em sua monografia “Artista-professor: práticas em uma obra-aula” onde escreve que:

Quando o professor se apresenta como artista em sala de aula, apresenta também a possibilidade do aluno ocupar com ele esse papel. Desmistifica a condição de artista, aproximando ainda mais os alunos com a arte. O professor que mostra para seus alunos a sua produção como artista, cria em sala de aula a possibilidade de um diálogo crítico. Nesse diálogo com o professor, os alunos estarão conversando diretamente, não só com um artista, mas também com o próprio autor da obra que está sendo apresentada, abrindo espaço para uma conversa mais profunda, dúvidas e questionamentos que só poderiam ser sanadas com esse contato direto com o autor. Além disso, conseqüentemente, esse diálogo poderá ser um encorajamento para a realização de uma obra que será realizada pelo próprio aluno individualmente ou em conjunto com seus colegas. (Souza, 2021, p. 19)

Mesmo que a experiência tenha sido em um espaço não formal de educação, diferente da experiência de Souza, percebo que esse momento com os alunos tocou-me, fazendo-me pensar nas possibilidades de práticas nas futuras atuações na educação básica, em relação aos métodos expositivos de um tema e da criação artística dos alunos. Me questiono: “Por que não levar uma instalação para a sala de aula?”. Nesse sentido, compreendo o que a BNCC orienta em uma de suas competências específicas de arte para o ensino fundamental, na competência 04, onde indica: “Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte. (BRASIL, 2008, p. 198). A imagem 13, evidencia a instalação que recebe os alunos na biblioteca, na imagem 14 os alunos apresentam suas criações para intervir na instalação ressignificando o espaço. Atuar como artista-professora na biblioteca do Sesc Araranguá ampliou os horizontes para pensar as aulas de Artes no espaço escolar de uma maneira mais autoral e interativa.

Imagem 15 - “O como move, o cômodo não”, arte digital, 2020.

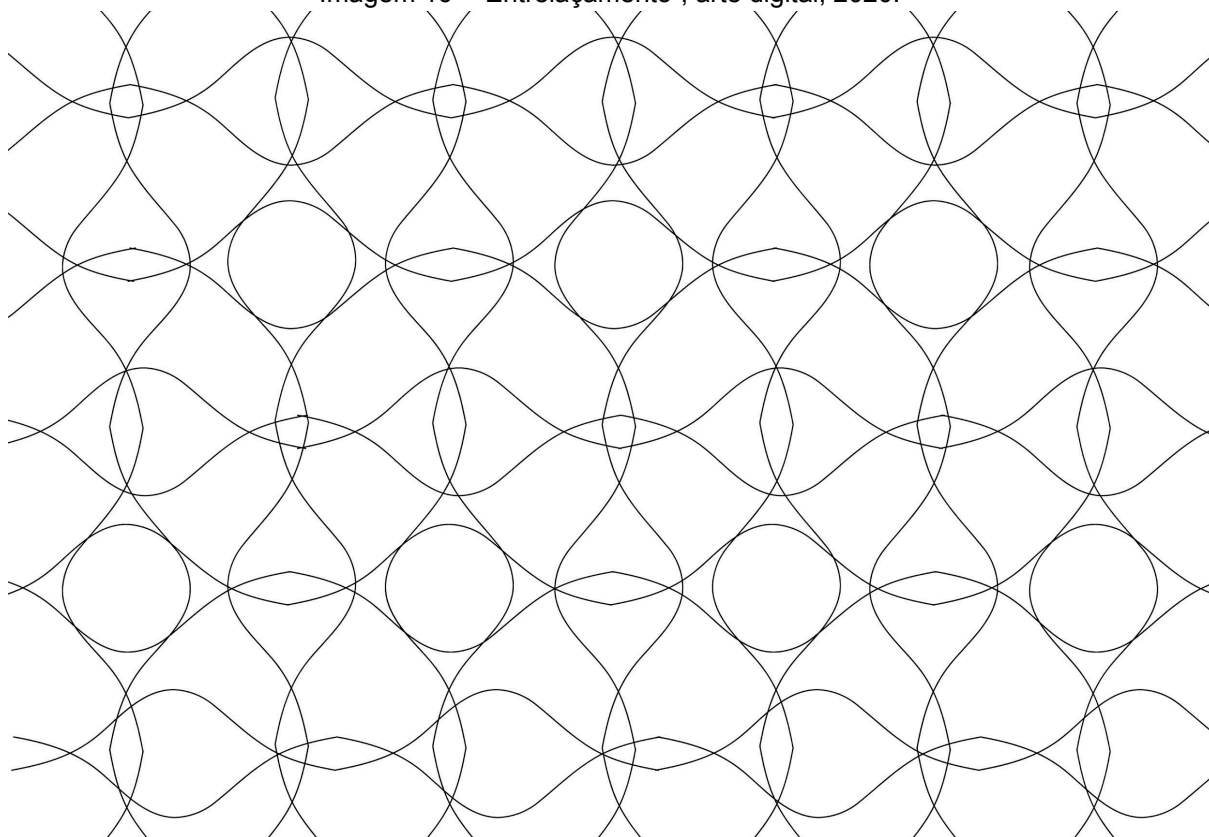


Fonte: Acervo da pesquisadora.

A estrutura de um espaço em formato de cubo branco pode existir em diversos lugares, sendo que a sala da biblioteca e do SCFV também eram, o que me faz perceber que a forma como os sujeitos a organizam é o que torna possível uma maior interação ou exploração dos sentidos. Percebo que podemos ser sujeitos de transformação onde estamos inseridos. Ao organizar os móveis ou os objetos de uma sala de aula, podemos criar de forma colaborativa com os alunos e a escola espaços que nos provoquem a questionar e transgredir as obviedades. Que provoque a reelaboração das paredes subconscientes.

4 APROFUNDAMENTO

Imagem 16 - "Entrelaçamento", arte digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

De um modo geral, uma árvore, à medida que o seu tronco e seus galhos crescem para cima, suas raízes crescem para baixo. Vejo as raízes como parte de um corpo que adentra o território em busca de conhecimento/nutrição, a partir da terra que foi preparada (ou não). Nesse sentido, busco aprofundar as raízes ouvindo e lendo as pesquisas de quem já vêm trilhando um caminho no campo da arte e que ao compartilharem seus conhecimentos e experiências possibilitam o fortalecimento do caminho ou a abertura de novos.

Neste capítulo discorro sobre o momento do percurso na graduação em Artes Visuais Licenciatura, em que aprofundo a pesquisa sobre as práticas artísticas e pedagógicas que estive envolvida, como o programa Residência Pedagógica¹³, os estágios obrigatórios e produções artísticas autorais. Entre essas

¹³ O Programa de Residência Pedagógica é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura.

recordações-referências (Josso, 2004), vou elaborando reflexões sobre a formação como artista-professora, assim como a pesquisa sobre os termos artista-etc e professor-artista.

Neste percurso, quando encontro a escrita de Aline Nunes (2020) sobre a docência nômade, identifico-me. Nunes escreve no artigo “Docência nômade - narrativas e deslocamentos na formação de professores em Artes Visuais”, a respeito de seus questionamentos sobre atuar em disciplinas distintas em termos de conteúdo. A autora ao buscar um lugar de pertencimento no espaço acadêmico relata que começou a perceber um pertencimento no não pertencimento. Assumiu-se em trânsito, passou a enxergar uma potência nômade: “O desconforto desse não lugar passou a ser visto como uma possibilidade ímpar de não filiação e de uma certa liberdade” (Nunes, 2020, p. 99). Nessa direção, elaboro uma costura com as minhas experiências por perceber que em diversos momentos do percurso tive a sensação de não pertencimento, ao transitar por diferentes linguagens artísticas como artista e por estar em formação como professora. Ao buscar entender o espaço de pertencimento de minha atuação no território da arte, procurando um nome que a definisse, por vezes vi essa não definição como um problema, mas que tornou-se potencial à medida que compreendia no percurso o que é ser artista contemporâneo, artista-etc e professor-artista.

4.1 O pertencimento no não pertencimento

Por gostar de brincar com as estruturas já estabelecidas, provocando pensar possibilidades de novos sentidos, significados e interação, me identifico na escrita de Basbaum em sua obra “Manual do artista-etc” ao apresentar como pensa e organiza sua escrita, numa proposição de costuras entre o plástico e o discursivo, vendo o escrever como o ato de mover de espaços (Basbaum, 2013). A brincadeira em transformar a palavra em imagem e objeto, que antes era particular, ganha mais sentido quando compartilho com a professora Odete, que apresenta os poemas concretos de Augusto de Campos.¹⁴ Possibilita, assim, a ampliação de meu

¹⁴ Nascido em São Paulo, em 1931, poeta, tradutor, ensaísta, crítico de literatura e música. Em 1951, publicou o seu primeiro livro de poemas, O REI MENOS O REINO. Em 1952, com seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pignatari, lançou a revista literária "Noigandres", origem do Grupo Noigandres que iniciou o movimento internacional da Poesia Concreta no Brasil. O segundo número da revista (1955) continha sua série de poemas em cores POETAMENOS, escritos em 1953, considerados os primeiros exemplos consistentes de poesia concreta no Brasil.

repertório e direcionamento de pesquisa. Nessa direção, percebo como a relação que fui estabelecendo com a arte vem proporcionando espaços de liberdade e autoria no espaço/corpo em que transito interna e externamente.

Em 2023 me faço artista no projeto Biblioteca Inquieta novamente, com o tema “Arte da Palavra” nessa edição, apresentei o livreto “Arte Como Respiro” em uma nova estrutura: como instalação artística.

Imagem 17 - Poema “o como move, o cômodo não” em forma de instalação na biblioteca do Sesc Araranguá, 2023.



Fonte: acervo da pesquisadora.

O livreto “Arte Como Respiro”, onde algumas de suas páginas se apresentam aqui, contribuindo com as costuras desta pesquisa, teve suas primeiras páginas criadas digitalmente durante a disciplina de Fundamentos da Linguagem Visual.

Essa produção é composta por poemas visuais e na sua forma impressa tem como estrutura a dobradura de papel, inspirada nas fanzines¹⁵.

Imagem 18 - 1ª edição do livreto “Arte Como Respiro”, 2023.



Fonte: acervo da pesquisadora.

O poema visual principal do livreto, tem como movimento a repetição das palavras: “arte”, “como” e “respiro”, compondo frases com pontuações diferentes possibilita olhar para as formas de relacionar-se com a arte, na brincadeira entre os diferentes sentidos de uma mesma palavra. Relação essa que na última frase se integra ao cotidiano, quando é apresentada na última linha a sequência “Como, Respiro, Arte”. A arte se apresenta como respiro e alimento novamente, ainda mais no contexto pandêmico do coronavírus, quando as primeiras páginas foram criadas.

¹⁵ Fanzines (aglutinação de fã e magazine) é uma publicação alternativa, produzido por entusiastas de uma cultura particular, para o prazer de outros que compartilham o mesmo interesse. Podendo ser dedicado a uma determinada franquia, trazendo informações ou fanfics. Fanzines são tradicionalmente divulgados gratuitamente ou por um pequeno valor para custear as despesas postais ou de produção.

Penso ser perceptível nestes relatos a forma com a qual transito por diferentes linguagens artísticas, o que por vezes trouxe a sensação de não pertencimento e de estar em meio a uma bagunça, mas que tornou-se potencial ao entender no percurso formativo o que é ser um artista contemporâneo, que hoje compreendo como um operador da visualidade, elaborando uma inteligência plástica através do cruzamento de diferentes campos do conhecimento e do “livre trânsito entre diferentes meios de expressão, com a utilização de diversos materiais” (Basbaum, 2013, p. 30). E para além das diferentes linguagens e diferentes materiais, o artista contemporâneo pode ser visto como “aquele que desfruta da liberdade de ser múltiplo, capaz de realizar diversas associações entre as suas experiências” (Oliveira, 2024, p. 117). Ricardo Basbaum ao pensar sobre essa multiplicidade, elabora o termo artista-etc, onde define que:

Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de ‘artista-artista’; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos ‘artista-etc’ (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico, etc.) (Basbaum, 2013, p. 08).

Entre as múltiplas possibilidades de definição sobre a atuação como artista, compreendo que sigo em trânsito e que, no território deste Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais Licenciatura, busco refletir sobre o processo de autocriação de uma artista-professora.

4.2 Dialogando com outros territórios

“Assim, vamos considerar que criar conhecimentos é tecer redes das quais fazem parte os diferentes conhecimentos, práticas, experiências, percepções, inserções que nos constituem.” (Oliveira; Sgarbi, 2008, p. 74).

Compor o grupo de pesquisa do programa Residência Pedagógica em 2023, como acadêmica bolsista, possibilitou reconhecer o professor como um “sujeito-em-prática, dentro de um estrato social, dentro de uma coletividade” (Pereira, 2001, p. 24), ao experienciar a aprendizagem compartilhada com um corpo docente que vem trilhando o caminho da educação há alguns anos, assim como os discentes que estão formando-se professor/a. Nesse espaço do percurso compreendi que para além de questionar “O que é ser professor?” era necessário

questionar “Como se é professor? Como é ser professor? E por que se é professor?” (Foucault, 1994, p. 232-233 apud Pereira, 2001, p. 23). Dessa forma, compreendendo que a professoralidade não é uma identidade fixa a ser incorporada, mas sim, o fruto de uma combinação particular de suas potencialidades e pode ser vista como um estado de impermanência, no sentido de estar em constante pesquisa e reflexão sobre si e a coletividade, quando nos colocamos à disposição em deixar manifestar através de si a diferença, a fim de evitar o fazer repetitivo que estagna (Pereira, 2001).

Em uma das aulas da disciplina de Prática Como Componente Curricular VII, direcionada para elaboração do projeto de pesquisa do TCC, uma colega pergunta às professoras: “Quando concluirmos o curso de Artes Visuais licenciatura, seremos o que? Professores? Arte educadores? Artista e professor?”. Tais questionamentos se conectam com as questões que estavam rodeando as práticas com as quais estava envolvida, entretanto entendo que o que nos faz vir a ser professor não é a conclusão de um curso de formação, mas sim a diferença no modo de ser que alimentamos a partir das experiências do percurso formativo, tanto no campo individual como coletivo (Pereira, 2001). Através do diálogo com as professoras, a partir dos questionamentos da colega, me vi instigada a pesquisar sobre o termo professor-artista a fim de compreender a formação como professora de Artes em paralelo aos trabalhos como artista que prosseguia executando.

Ao iniciar a pesquisa percebi que inúmeros artistas historicamente estabelecidos desenvolveram suas carreiras artísticas aliadas a sua prática como docentes, mas ao refletir sobre as minhas referências atuais direcionei o olhar para o corpo docente do curso, percebendo ricos percursos como o da artista-professora Odete Calderan mencionada anteriormente, Angélica Neumaier, Sérgio Honorato, Luiz Gustavo Bieberbach Engroff, Daniele Zacarão, entre outros. Mas como se define a atuação de um professor-artista? Como esses papéis dialogam? Quais os potenciais dessa formação para o ensino da arte? Quais as possibilidades de integração entre as práticas artísticas e as pedagógicas desse professor-artista ou desse artista-professor?

O conceito sobre professor-artista é antigo e foi sendo transformado ao longo do tempo, principalmente na contemporaneidade. Nesta pesquisa remeto-me a Dias e Martins ao definirem o termo professor-artista como os profissionais que “assumem um duplo papel funcional na interface entre o fazer arte e o fazer

pedagógico ou, ainda, entre o saber artístico e o saber ensinar” (Dias; Martins, 2019, p. 120). O uso do termo com hífen indica uma integração de funções, ao contrário de sua grafia sem hífen, que separaria as palavras como substantivo e adjetivo. O termo não se refere a um professor qualificado como artista (ou vice-versa), mas a uma integração entre os dois papéis (Dias; Martins, 2019). Rigatti, em suas reflexões sobre a integração de sua atuação como artista-professor escreve que o que move o artista a transitar entre a produção artística e o ensino da arte “está na possibilidade de propiciar múltiplas saídas profissionais, ofertando um vasto repertório carregado de diferentes maneiras de compreender o universo da arte.” (Rigatti, 2019, p. 27). Onde a reverberação do processo criativo e o modo de ser integrado ao modo de pensar com arte¹⁶ pode ser percebida no planejamento das atividades como docente, e vice-versa, ampliando os horizontes da atuação profissional, assim como o potencial formativo do aluno com quem atua.

A experiência de estágio obrigatório com o Ensino Médio, onde tive a professora Silemar como orientadora, me auxiliou a estender meus modos de pensar com arte no planejamento das aulas. Ao elaborar um projeto de aula a partir do planejamento da professora supervisora Cristina Américo Cristiano, que estabeleceu como fio condutor de seu planejamento anual as possibilidades de interação entre as artes visuais e a música. Meu olhar direcionou-se para a cena da arte e cultura local, estabelecendo conexões com o que já vinha estruturando em meu modo de pensar o fomento da arte e cultura, já que desde 2019 venho participando e promovendo eventos artísticos culturais com o coletivo de artistas independentes de Araranguá, o Ateliê Calle7, coletivo que se move em busca do fortalecimento mútuo entre os artistas de uma mesma cidade ou região.

Um dos artistas apresentados nesta sequência de aula foi o Alex Santos, natural e residente de Araranguá, e também membro do Ateliê Calle7. Alex Barbudo (como também é conhecido popularmente), considera-se artista-etc e o seu pensar com arte integra-se a cada passo, por compor canções que falam sobre suas experiências na cidade a qual transita e por fazer intervenções artísticas nos espaços públicos dessa mesma cidade através do grafite, além de contribuir para o

¹⁶ “Pensar com arte” refere-se ao texto de Ricardo Basbaum “Pensar com arte: o lado de fora da crítica”. Nesse texto o autor propõe essa conexão esclarecendo que não se pode pensar o pensamento sem considerá-lo como processos entrelaçados à criação artística, assim como, não se pode pensar o fazer artístico sem que se processe pelo pensamento.

ensino da arte em espaços não formais como a Casa da Fraternidade, deixando claro o entrelaçamento entre arte e vida.

Imagem 19 - Atuação do artista Alex Santos na aula de Artes com o 2º ano na E.E.B. de Araranguá, 2024.



Fonte: acervo da pesquisadora.

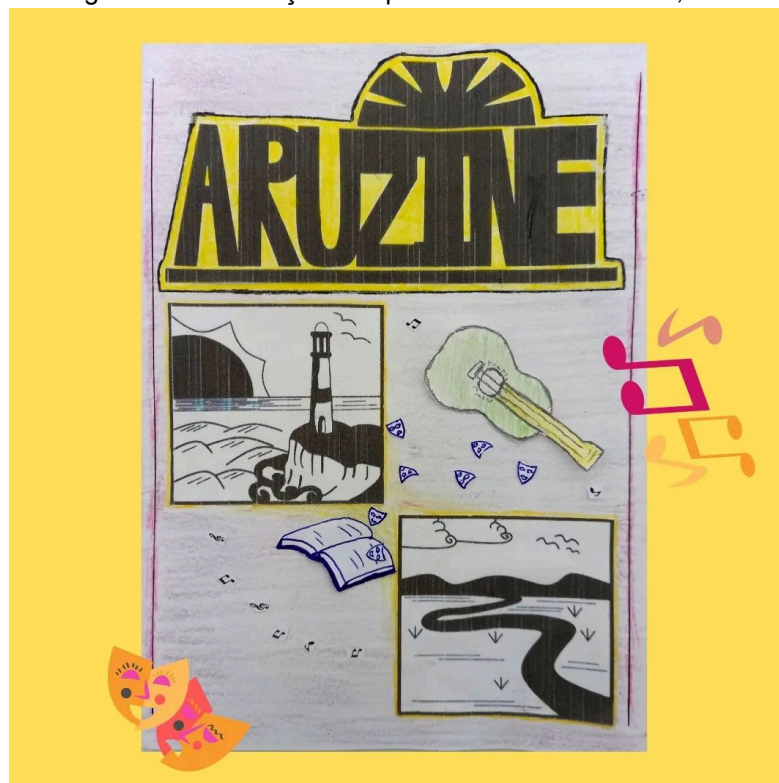
Para além de conhecer o trabalho de Alex nas plataformas digitais, tivemos o privilégio de recebê-lo na sala de aula. A presença do artista e a forma como ele compartilhou seus modos de fazer artístico tornou a aula de Artes uma profusão de experiências, o que foi essencial para posteriormente os alunos criarem uma fanzine sobre as produções do artista. Desse modo, meu pensar com arte se estende também ao suporte escolhido para produção artística dos alunos. Esse formato de publicação independente, que utilizo para a 1ª edição do livreto “Arte Como Respiro” entre outras produções, surge como possibilidade de criar junto dos alunos, quando proponho a eles que cada um faça a sua página, enquanto elaboro a montagem dessas.

Ao acompanhar o processo criativo dos alunos, fui sendo afetada pelas diversas formas de atravessamento e modos de criar, assim como, ao reconhecer seus desafios no processo criativo pude também desafiar-me a compartilhar as reflexões que surgem no meu processo, elaborando assim uma aprendizagem compartilhada.

Além de afetar e ser afetada no processo criativo com os alunos, a presença do artista Alex Santos na sala de aula me atravessou, trazendo reflexões de como eu poderia deixar vir a figura da artista de forma mais espontânea nas atuações como professora, buscando o empoderamento nesse ser artista-etc que transita entre muitos territórios e modos de pensar com arte, elaborando uma metáfora sobre o modo de pensar arte como quando a arte se torna respiro, respiro na perspectiva de acalento, mas também como elemento de pulso de vida, integrado aos trânsitos da vida.

Compreendo que sou um sujeito-em-prática, no estado de vir a ser a potencialidade individual em comunhão com a coletiva, referencio aqui minha amiga artista-professora-pesquisadora Juliana Drewke Oliveira - Judh (in memória).

Imagem 20 - Publicação independente Aruzine ed. 04, 2022.



Fonte: Perfil do Instagram do projeto Aruzine (@aruzine_)

Entre as diversas sementes no campo da arte que Judh espalhou durante sua vida, uma delas que me inspira, foi seu olhar sobre a valorização da arte e cultura local, tanto como artista, quanto como professora e pesquisadora, deixando como parte de seu legado a publicação independente “Aruzine”, criada com seus alunos

durante as oficinas de fanzine na Casa da Fraternidade em Araranguá, a qual foi uma das referências nas práticas no estágio com a turma do Ensino Médio mencionadas anteriormente.

Imagem 21 - Juliana Drewke Oliveira e Hilda Maziero na abertura da exposição “No íntimo da natureza: diálogos entre superfícies”, 2024.



Fonte:

<https://noticias.unesc.net/geral/2024/04/26/em-cartaz-no-espaco-cultural-toque-de-arte-da-unesc-no-intoimo-da-natureza-dialogos-entre-superficies/>. Acesso em: set. de 2024.

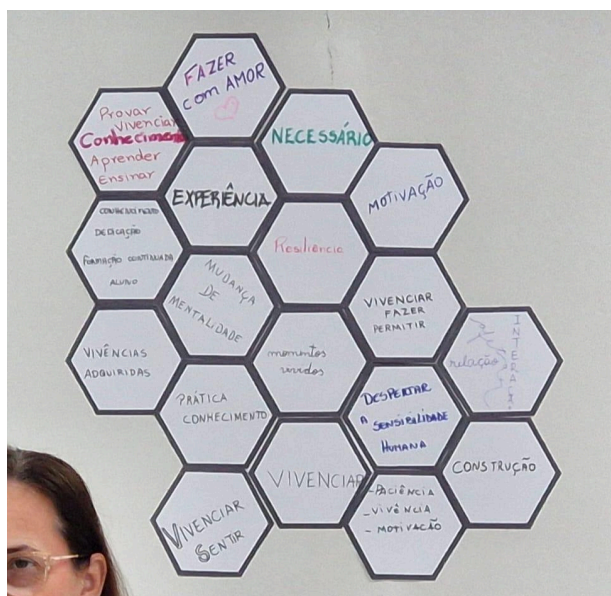
Judh segue sendo referência no meu caminhar, sinto-me como uma das plantas no campo da arte que ela incentivou a crescer.

5 EMPODERAMENTO

Entendo como empoderamento o processo de integrar conhecimento e tornar consciente suas capacidades, competências e resiliência. Para além dessa definição, acredito que o empoderamento no meu processo criativo de uma artista-professora se dá ao encontro de um espaço de pertencimento, aprofundando sobre esse modo de ser ou vir a ser artista-professora, podendo assim compartilhar o que me toca no processo criativo, possibilitando elaborar reflexões e práticas sobre o ensino da arte.

No dia 24 de outubro de 2024, a convite da professora Silemar participei do encontro de formação continuada pelo Programa Arte na Escola Polo Unesc, com professoras de Artes da rede pública de educação de Araranguá/SC, no qual o tema foi “O papel do professor-artista”. A oficina teve como conceito norteador a experiência, a partir do autor Jorge Larrosa Bondía em sua escrita “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” (2002). Ao questionar as professoras sobre o que elas entendem como experiência, foi possível perceber que o exercício ampliou o olhar delas sobre o papel da arte dentro e fora da sala de aula, enquanto ampliava o meu olhar sobre o que possivelmente corrobora para uma perspectiva de enquadramento de uma “arte da escola” (Honorato, 2015).

Imagem 22 - Colmeia de saberes proposta na formação.



Fonte: acervo da pesquisadora.

O encontro foi provocando reflexões a partir de uma outra possibilidade. Ao compartilhar com as professoras o poema visual “O que? Onde? Como?” (imagem 02) percebo o potencial dessa produção como propositora de reflexões sobre a relação que cada sujeito estabelece com a sua vida e seu modo de pensar com arte, assim estabelecendo relação com práticas artísticas contemporâneas, que segundo Kátia Canton “[...] se materializa a partir de uma negociação constante entre arte e vida, vida e arte [...] E os artistas contemporâneos incorporam e comentam a vida em suas grandezas e pequenezas, em seus potenciais de estranhamento e em suas banalidades.” (CANTON, 2009, p. 34 e 49). O que me fez querer elaborar o Projeto de Curso inspirada na possibilidade de elaborar proposições artísticas a partir dos poemas visuais do livreto “Arte Como Respiro”.

Percebo então, que como artista-professora, posso contribuir para que as professoras desenvolvam uma prática pedagógica no ensino da arte entrelaçada ao pensamento de arte como experiência, uma ampliação dos sentidos que, ao mesmo tempo, permita uma visão crítica sobre o meio em que cada sujeito está inserido. A troca entre eu, como artista-professora, e as demais professoras de Artes têm o potencial de criar atravessamentos que possam impulsionar a elaboração de aulas de Artes que se configuram como verdadeiras experiências artísticas.

5.1 Proposta de curso

TÍTULO

ARTE COMO RESPIRO

EMENTA

PLANEJAMENTO. EXPERIÊNCIA. PROCESSO CRIATIVO.

CARGA HORÁRIA

06 horas

PÚBLICO - ALVO:

Professoras de Artes da rede pública de educação integrantes do grupo

de formação continuada no Programa Arte na Escola Polo Unesc.

JUSTIFICATIVA

Ao elaborar esta oficina, trago como objetivo apresentar e discutir a perspectiva sobre aula de Artes como espaços do possível, buscando ressignificar o que se tem como “arte da escola” (Honorato, 2015). Para que assim, os professores ampliem seus conhecimentos sobre as possibilidades mais flexíveis e criativas para o seu planejamento conectadas às características da arte contemporânea.

Faremos a elaboração de algumas propostas pedagógicas para a inclusão de mediações artísticas a partir dos poemas visuais do livreto “Arte Como Respiro” (2023).

O curso proporcionará pensarmos a partir de um olhar sensível para as relações entre o espaço pessoal de criação artística e o campo da arte. Esta proposta vem de encontro com a concepção do professor/pesquisador que está sempre buscando novas fontes do saber, através das linguagens artísticas.

O curso proposto aqui, visa fomentar a ideia de que a elaboração de uma aula de artes está muito ligada à concepção de arte que o professor defende, estreitando cada vez mais a relação entre arte e vida, de modo a pensar sua relação com a arte tecendo conexões com seu percurso formativo, tanto como sujeito, como professor.

OBJETIVOS

Geral

Ampliar os olhares sobre o ensino da arte com professores que atuam na etapa da educação básica, propiciando reflexões sobre o conhecimento do conceito de experiência a partir de planejamentos que criem espaços do possível na relação arte e vida.

Específico

- Contribuir com a formação continuada de professores/as de Artes;
- Discutir sobre o que é a arte contemporânea a partir de Kátia Canton (2009), o conceito de experiência segundo Jorge Larrosa (2002), a aula de Artes como espaços do possível e o que seria “arte da escola”, a partir da tese de Aurélia Regina de Souza Honorato (2015);
- Reconhecer a arte como extensão de suas experiências artísticas em seu modo de fazer pedagógico;
- Valorizar a importância do ensino da arte com foco na experiência e na provocação dos sentidos.

METODOLOGIA

O curso ARTE COMO RESPIRO, será dividido em dois (02) momentos:

Primeiro encontro (3 horas): Diagnóstico do grupo a partir da compreensão sobre a arte contemporânea. Apresentar aos professores o desafio do encontro ampliando o conceito de arte e de ensino da arte na perspectiva da arte como respiro.

Segundo encontro (3 horas): Análise de imagens e a criação de novos arranjos de palavras que fomentem o desafio de ser professor, ser pesquisador e ser artista.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Brasil. Educ, n. 19, p. 20-28. 2002. DOI: 10.1590/S1413-24782002000100003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt>.

CANTON, Kátia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

HONORATO, Aurélia Regina. **Trajectoria Cartográficas: a arte como espaço do possível**. Tese de doutorado, orientadora: Ramayana Lira de Sousa. Unisul, 2015.

MAZIERO, Hilda Karolini. **Percorso de uma artista-professora: Espaços e costuras entre o ateliê e a sala de aula**. Trabalho de conclusão de curso, orientadora: Silemar Maria de Medeiros da Silva. Unesc, 2024.

MAZIERO, Hilda. **Arte como respiro**. Publicação independente, 1ª ed., 2023. Disponível em: < <https://drive.google.com/drive/folders/1iSmDD6RBif4Q9ZFXtxGgxc7KiNUtKAV6?usp=sharing> >.

6 CONCLUSÃO

Parto do princípio de que uma pesquisa não precisa findar um assunto, mas abrir caminhos para que se iniciem muitos outros estudos a partir deles. Neste percurso, ao analisar recordações-referências no processo de autocriação de uma artista-professora, percebo através do método *A/r/tográfico* que “o processo de investigação torna-se tão importante, às vezes até mais importante, quanto a representação dos resultados alcançados” (Irwin, 2013, p. 31). O processo de pesquisa se tornou experiência ao movimentar-me, sendo de forma a investigar a mim mesma ou indo ao encontro com o percurso de outros, onde relatos e pensamentos me atravessaram, possibilitando renovar e fortalecer as perspectivas sobre o deixar vir a ser professora.

No contexto contemporâneo muitas vezes corremos o risco de nos tornarmos sujeitos da informação, quando nos deixamos levar pela enxurrada de estímulos, o que nos distancia da possibilidade de experiência. Compreendo que atuar em um mundo em constante mudança requer um perfil flexível e criativo dos professores de Artes contemporâneos, este é um desafio constante, mas também uma forma de engajamento profissional, que evita uma atuação passiva e desconectada das transformações do mundo.

As proposições apresentadas no capítulo “Forma”, me fazem pensar que as produções artísticas nos convidam a caminhar pela vida com mais presença e que as possibilidades de experiência artística em contextos formais ou não formais de ensino da arte, estão mais ligadas ao “como” (modo de olhar) do que “onde e o que” (ambiente ou do objeto artístico em si). Nessa direção, percebo como o ensino da arte amplia a educação do olhar, não para moldá-lo de maneira convencional, mas para instigar a ruptura do óbvio, da normose, promovendo a transgressão de ideias pré-estabelecidas.

Ao refletir sobre a estrutura, em relação aos documentos norteadores da educação básica, entendo que esses auxiliam a direcionar e organizar o potencial de uma proposição em relação a algum problema encontrado na realidade social, ao definir objetivos, competências e habilidades que podem ser alcançadas através das aulas. No entanto, compreendo que a Base tem suas críticas, por ser elaborada e aprovada sem a participação social e dentro de um conflito político, onde por fim demonstra uma visão fragmentada do conhecimento e do desenvolvimento humano.

Em relação a estrutura física de espaços formais e não formais da educação, percebo que a estrutura de um espaço em formato de cubo branco pode existir em diversos lugares, sendo que, a sala da biblioteca do Sesc Araranguá, o espaço da oficina de artes do SCFV e a sala de Artes da E.E.B. de Araranguá também eram como um cubo branco. O que me faz pensar que a forma como os sujeitos organizam e exploram esse espaço e os objetos que o compõem, é o que torna possível uma maior interação ou investigação dos sentidos, podendo assim transformá-lo em espaços de experiências artísticas em seus diversos modos.

Podemos pensar o professor-artista para além de alguém que ensina e produz arte, mas que ensina produzindo e produz ensinando, muitas vezes tendo a prática pedagógica como prática poética, o que considero a experiência de mediação feita com a turma do SCFV na biblioteca do Sesc Araranguá, que menciono nesta pesquisa. É nesse sentido que, ao costurar o ateliê com a sala de aula, penso que o professor-artista ao compartilhar suas experiências ou produções artísticas, pode elaborar proposições aos alunos tendo como referência questionamentos que surgiram no seu próprio processo criativo, possibilitando um espaço onde os alunos são encorajados a viverem o percurso de criação, onde questionam, criam e refletem sobre sua realidade e sobre o fazer artístico.

Levanto aqui a ideia de que o planejamento de aula pode ser relacionado ao processo criativo como de uma produção artística, pois assim como na criação de uma obra, o professor-artista seleciona, compõe e organiza os elementos que deseja apresentar, pensando não apenas no conteúdo em si, mas também na experiência que deseja proporcionar aos estudantes. O planejamento de uma aula envolve uma série de decisões - a escolha dos temas, a forma como as questões são propostas, os materiais utilizados -, tudo isso para construir uma narrativa que dialogue com a realidade dos alunos e promova o atravessamento que menciono. Nesse sentido, podemos considerar que o ato de planejar uma aula é uma espécie de composição artística, onde o professor também se coloca na posição de “criador” de uma proposição artística que poderá ser experienciada de maneiras distintas por cada aluno, assim como uma obra de arte pode ser interpretada de formas variadas dependendo de quem a observa. Isso reforça a ideia de que a prática pedagógica de um professor-artista pode estar intimamente conectada com sua prática artística, onde a aula se torna uma extensão do seu pensar com arte, mas em um formato que convida à criação com os alunos.

Proponho um acabamento às costuras tecidas ao longo desta pesquisa, entrelaçando o começo e o fim, ao encontrar a escrita de Rigatti que complementa o pensamento de Ana Mae Barbosa, destacada em uma das páginas de abertura deste trabalho, elaboro o enlace para esta junção: “O artista acha que, por si só, não ensina. Ele acha que não consegue estabelecer essa relação. Mas, necessariamente, por ser artista, ele tem o que ensinar” (Barbosa, 2016). Nessa direção, a escrita de Rigatti sobre ser e estar artista-professor, complementa:

[...] todo o artista é um educador, independente se atua ou não na educação formal ou informal, pois toda e qualquer operação artística é capaz de engendrar conhecimento, é sintoma de liberdade e geradora de transformações. Ensinar e criar são ambas atuações sociais, onde uma alimenta a outra, e cria-se um caminho de mão dupla (Rigatti, 2019, p. 36).

Ao costurar o ateliê com a sala de aula, ao considerar que o ato de planejar uma aula é uma espécie de composição artística, a ideia reforça que a prática pedagógica de um professor-artista pode estar intimamente conectada com sua prática artística, onde a aula se torna uma extensão do seu pensar com arte, possibilitando perceber as aulas como um espaço de pesquisa a ser explorado com os alunos. Ao compartilhar suas experiências ou produções artísticas, pode elaborar proposições aos alunos tendo como referência questionamentos que surgem no seu próprio processo criativo, possibilitando um espaço onde os alunos são encorajados a viverem o percurso de criação, onde questionam, criam e refletem sobre sua realidade e sobre o fazer artístico.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Pedro Ribeiro. **Pioneira da arte-educação, Ana Mae Barbosa reforça: “Todo artista tem o que ensinar”**. Portal Aprendiz, 2016. Disponível em: <
<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producaoacademica/002791314.pdf>>. Acesso em: 10 de set. 2024.
- BASBAUM, Ricardo. **Manual do artista-etc.** 1 Ed. Rio de Janeiro: Beco do Azogue. 2013.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Brasil. Educ, n. 19, p. 20-28. 2002. DOI: 10.1590/S1413-24782002000100003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt>.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BUGMANN, Sandra Regina Cláudio. **O Espaço da Arte na Escola: A Exposição dos Trabalhos Artísticos dos Alunos**. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNlrev_Bugmann.pdf> Acesso em: 25 de out. 2024.
- CANTON, Kátia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- CUNHA, Pedro; ARRUDA, Flávia. **O Rio**. Sesc - SC, 2021.
- DIAS, Belidson. **A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes: uma introdução**. In: DIAS, Belidson e IRWIN, Rita L. (orgs.). **Pesquisa Educacional baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: ed. da UFSM, 2013. p. 21 - 26.
- DIAS, Ronne Franklim; MARTINS, Raimundo. **Professor-artista: alguns conceitos e perspectivas baseadas em princípios da cultura visual**. Revista Digital do LAV - Santa Maria, vol. 12, n. 2, mai./ago. 2019. p. 118 - 132. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/198373483806>> Acesso em: ago. 2024.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- HOLM, Anna Marie. A energia criativa natural. In: **Pro-posições**. Revista Quadrimestral - Faculdade de Educação - Unicamp. Campinas, v. 15, n.1 (43), jan./abr. 2004. p. 83 - 95.
- HONORATO, Aurélia Regina. **Trajectoria Cartográficas: a arte como espaço do possível**. Tese de doutorado, orientadora: Ramayana Lira de Sousa. Unisul, 2015.

IRWIN, Rita. *A/r/tografia*. In: DIAS, Belidson e IRWIN, Rita L. (orgs.). **Pesquisa Educacional baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: ed. da UFSM, 2013. p. 27 - 35.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Edição brasileira, São Paulo: ed. Cortez, 2004.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. "(Des)arquivar narrativas para construir histórias de vida ouvindo o chão da experiência". In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **Pesquisa narrativa: interfaces entre história de vida, arte e educação**. Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2017, p. 143-165.

NUNES, Aline. **Docência nômade - narrativas e deslocamentos na formação de professores em Artes Visuais**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Revista Digital do LAV, Santa Maria - vol. 13, n.1, p. 95 - 105 - jan./abr. de 2020.

OLIVEIRA, Gabriela Clemente de. **Artista-professor: metodologias de ensino em arte**. Montes Claros, MG: Editora Unimontes, 2024. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/384996691_Artista-Professor_Metodologia_de_ensino_em_arte> Acesso em: set. 2024.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo. **Estudos do cotidiano & educação**. São Paulo: Autêntica, 2008.

PEREIRA, Marcos Villela. Nos supostos para pensar formação e autoformação: a professoralidade produzida no caminho da subjetivação. In: LINHARES, Célia Frazão *et al.* **Ensinar e Aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2001. 2ª edição. p. 23 - 41.

RIGATTI, André. Criação, Experiência E Compartilhamentos – O Ser E Estar Artista Professor. In: LAMPERT, Jocielle (org.). **Artista Professor, Professor Artista, sobre ser e estar**. Revista Apotheke, Florianópolis/SC, v. 5, n. 1, 30 abr. 2019. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/24471267512019>. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/issue/view/693>. Acesso em: 06 out. 2024.

SOUZA, Monique Pires de. **Artista-professor: práticas em uma obra-aula**. Trabalho de conclusão de curso, orientador: Christus Menezes de Nóbrega. Universidade de Brasília, 2021.

TRASFERETTI, Pedro Ivo. **Material Educativo da 33a Bienal de São Paulo**. Fundação Bienal de São Paulo, 2018.

ANEXO

1. Livreto de poemas visuais “Arte Como Respiro”, Hilda Maziero, 2023.

1ª edição digital disponível em: <

<https://drive.google.com/drive/folders/1iSmDD6RBif4Q9ZFXtxGgxc7KiNUtKAV6?usp=sharing> >.